




CAPÍTULO 7

ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA NO MUNDO, ÁFRICA, MOÇAMBIQUE E NIASA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.669172521087>

Albino Sebastião

Ana Carlota Victor,

Carlos Trindade Caomba

Ginencio J. Muaxirico

Mário Fernando Mário

Natércia Luísa Lourenço Faria

Zelinda Mapira

Alice Pedro Magaia de Abreu
Docente

RESUMO: A esperança média de vida constitui um dos principais indicadores do desenvolvimento humano, refletindo as condições de saúde, o acesso a serviços básicos e a qualidade de vida da população. Globalmente, tem-se registado um aumento significativo da longevidade, fruto dos avanços médicos, da vacinação em massa e da redução da mortalidade infantil. No entanto, persistem desigualdades profundas entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Na África Subsaariana, a esperança de vida é de cerca de 63 anos, influenciada pela elevada prevalência de HIV/SIDA, pela malária, pela desnutrição e pelas fragilidades das infraestruturas de saúde. Em Moçambique, a média situa-se em 61 anos, sendo inferior à média mundial, devido sobretudo às doenças endémicas e à pobreza. A província de Niassa apresenta valores ainda mais baixos (57–60 anos), condicionados pelo isolamento geográfico e pela falta de recursos. O estudo conclui que é necessário reforçar os

serviços de saúde primários, investir em infraestruturas e implementar políticas públicas eficazes para reduzir as desigualdades e promover maior equidade no acesso à saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Esperança de vida; Saúde pública; África Subsaariana; Moçambique; Niassa; HIV/SIDA; Malária; Desnutrição; Infraestruturas de saúde; Desenvolvimento humano.

AVERAGE LIFE EXPECTANCY IN THE WORLD, AFRICA, MOZAMBIQUE AND NIASSA

ABSTRACT: Life expectancy is one of the key indicators of human development, reflecting health conditions, access to basic services, and the overall quality of life of the population. Globally, life expectancy has increased significantly due to medical advances, mass vaccination, and the reduction of infant mortality. However, deep inequalities persist between developed and developing countries. In Sub-Saharan Africa, life expectancy is around 63 years, influenced by the high prevalence of HIV/AIDS, malaria, malnutrition, and fragile health infrastructures. In Mozambique, the average is 61 years, below the global level, mainly due to endemic diseases and poverty. The province of Niassa shows even lower values (57–60 years), largely explained by geographical isolation and limited resources. The study concludes that strengthening primary health care, investing in infrastructure, and implementing effective public policies are crucial to reducing disparities and promoting greater equity in access to health.

KEYWORDS: Life expectancy; Public health; Sub-Saharan Africa; Mozambique; Niassa; HIV/AIDS; Malaria; Malnutrition; Health infrastructure; Human development.

INTRODUÇÃO

A esperança média de vida é amplamente reconhecida como um dos indicadores centrais para avaliar o estado de saúde e o desenvolvimento humano das populações. Este conceito traduz-se na estimativa do número médio de anos que um recém-nascido poderá viver, considerando as taxas de mortalidade vigentes no momento do nascimento e assumindo que estas se manterão constantes ao longo da vida (World Health Organization [WHO], 2023).

Ao longo das últimas décadas, os progressos científicos e tecnológicos no domínio da medicina, o alargamento da cobertura dos serviços de saúde, as campanhas de vacinação e a melhoria na prevenção e tratamento de doenças transmissíveis contribuíram para o aumento generalizado da longevidade mundial (Omran, 2005; WHO, 2023).

Contudo, esta tendência não é homogênea, persistindo fortes desigualdades regionais e sociais. Em países desenvolvidos, como os da Europa Ocidental, a esperança média de vida ultrapassa os 80 anos, enquanto em países em desenvolvimento, especialmente na África Subsaariana, os valores permanecem significativamente mais baixos, em torno dos 63 anos (Banco Mundial, 2023).

Moçambique insere-se neste quadro de desafios, enfrentando elevadas taxas de mortalidade relacionadas com doenças endémicas, como o HIV/SIDA e a malária, bem como problemas estruturais associados à pobreza, à desnutrição infantil e às fragilidades do sistema de saúde (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2023). Na província do Niassa, estas dificuldades assumem proporções mais críticas devido ao isolamento geográfico, à fraca cobertura sanitária e à carência de recursos humanos e materiais, refletindo-se em indicadores de esperança de vida ainda mais baixos do que a média nacional.

Assim, torna-se fundamental analisar este fenómeno em diferentes escalas – mundial, continental, nacional e provincial – de forma a identificar determinantes e propor estratégias que contribuam para a melhoria da longevidade e do bem-estar das populações.

REVISÃO DA LITERATURA

A literatura académica tem enfatizado a esperança média de vida como uma medida multifatorial, determinada não apenas pelas condições de saúde, mas também por variáveis socioeconómicas, culturais e ambientais (Preston, 2007). Este indicador é frequentemente utilizado em estudos comparativos de desenvolvimento humano, dada a sua capacidade de refletir simultaneamente o progresso sanitário e económico de uma sociedade (Bloom & Canning, 2007).

A nível global, a esperança média de vida aumentou significativamente, passando de 46 anos em 1950 para 72 anos em 2021 (WHO, 2023). Esta evolução deve-se, em grande parte, à redução da mortalidade infantil, ao controlo de doenças transmissíveis como a tuberculose e a poliomielite, e ao avanço nos tratamentos de doenças crónicas (Omran, 2005). Além disso, a expansão do acesso a água potável, saneamento básico e melhores condições nutricionais tem desempenhado um papel decisivo na melhoria da saúde populacional (UNICEF, 2023).

No contexto africano, a África Subsaariana apresenta os valores mais baixos de esperança de vida a nível mundial. Fatores como a elevada prevalência do HIV/SIDA, que continua a ser uma das principais causas de mortalidade entre adultos jovens, e a malária, responsável por milhões de casos e mortes anuais, contribuem para esta realidade (UNAIDS, 2023; WHO, 2023). A fragilidade dos sistemas de saúde, marcada pela escassez de profissionais qualificados, infraestruturas deficitárias e recursos financeiros limitados, agrava as desigualdades em relação a outras regiões (Bloom & Canning, 2007).

Em Moçambique, estudos recentes têm destacado avanços, particularmente em áreas urbanas, devido ao aumento do acesso a serviços de saúde, programas de vacinação e iniciativas de prevenção do HIV/SIDA (MISAU, 2023). Todavia, persistem problemas críticos, como a elevada taxa de desnutrição infantil, que afeta mais de 40% das crianças com menos de cinco anos, e a mortalidade materna, que continua entre as mais elevadas da região (INE, 2023; UNICEF, 2023).

Na província de Niassa, a literatura aponta dificuldades acrescidas, relacionadas com o isolamento geográfico, a dispersão populacional e a carência de infraestruturas básicas. Estas condições dificultam o acesso aos cuidados de saúde, traduzindo-se numa esperança média de vida estimada entre 57 e 60 anos, abaixo da média nacional (INE, 2023).

METODOLOGIA

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa e descritiva, orientada para a análise comparativa de dados secundários. A metodologia baseou-se numa revisão bibliográfica de relatórios oficiais, documentos estatísticos e literatura científica publicada entre 2021 e 2023.

Foram consultadas fontes internacionais, como os relatórios da Organização Mundial da Saúde (WHO), do Banco Mundial, da UNICEF e do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/SIDA (UNAIDS), bem como documentos nacionais provenientes do Instituto Nacional de Estatística (INE) e do Ministério da Saúde de Moçambique (MISAU).

A seleção das fontes teve como critérios a atualidade, a credibilidade institucional e a relevância para o tema em análise. A recolha de dados abrangeu indicadores de esperança de vida ao nascer, taxas de mortalidade, prevalência de doenças e determinantes socioeconómicos.

A análise dos dados foi conduzida através da comparação de indicadores entre diferentes escalas – mundial, africana, nacional e provincial – de forma a identificar padrões e especificidades. Os determinantes analisados incluíram fatores sanitários (prevalência de doenças), socioeconómicos (níveis de pobreza e desigualdade), nutricionais (desnutrição infantil) e infraestruturais (acesso a serviços de saúde e saneamento)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esperança de Vida no Mundo

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2023), a esperança média de vida global em 2021 foi de 72 anos. Este aumento é explicado sobretudo pela redução da mortalidade infantil, pela vacinação em massa e pelo desenvolvimento de tratamentos para doenças crónicas. Nos países desenvolvidos, especialmente na Europa Ocidental, a média ultrapassa os 80 anos, refletindo a robustez dos sistemas de saúde e a melhoria das condições socioeconómicas (Preston, 2007).

Contudo, persistem diferenças marcantes entre regiões. Nos países em desenvolvimento, a esperança de vida mantém-se abaixo dos 65 anos, evidenciando a influência de fatores como pobreza, desigualdade social e frágil acesso a serviços básicos (Bloom & Canning, 2007).

Esperança de Vida em África

A África Subsaariana apresenta a esperança de vida mais baixa a nível mundial, estimada em 63 anos em 2021 (Banco Mundial, 2023). Entre os principais determinantes encontram-se:

- A elevada prevalência de HIV/SIDA, que continua a ser uma das principais causas de mortalidade entre adultos jovens (UNAIDS, 2023);
- A malária, responsável por milhões de casos anuais e pela maior parte da mortalidade infantil (WHO, 2023);
- A carência de infraestruturas sanitárias, sobretudo em zonas rurais;
- Os elevados índices de pobreza e insegurança alimentar.

Apesar destas dificuldades, alguns países africanos, como a Mauritânia, alcançaram valores mais elevados (74 anos), demonstrando que políticas de saúde consistentes e investimento em infraestruturas podem melhorar significativamente os indicadores de longevidade (Banco Mundial, 2023).

Esperança de Vida em Moçambique

Em Moçambique, a esperança média de vida situava-se, em 2021, nos 61 anos: 59 para homens e 63 para mulheres (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2023). Os principais fatores determinantes são:

- HIV/SIDA, com uma prevalência de 12,3%, afetando sobretudo adultos jovens (UNAIDS, 2023);

- Malária, que permanece a principal causa de mortalidade infantil (MISAU, 2023);
- Desnutrição crónica, que atinge cerca de 43% das crianças com menos de cinco anos (UNICEF, 2023).

Embora tenham sido registados avanços, especialmente em áreas urbanas, onde há maior acesso a serviços de saúde e a programas de prevenção, as zonas rurais continuam a enfrentar limitações significativas, com altas taxas de mortalidade materna e infantil (MISAU, 2023).

Esperança de Vida em Niassa

A província do Niassa apresenta indicadores inferiores à média nacional, com valores estimados entre 57 e 60 anos (INE, 2023). As razões incluem o isolamento geográfico, que dificulta o acesso a serviços de saúde, a insuficiência de infraestruturas sanitárias, e a elevada incidência de malária.

Nos últimos anos, têm sido implementados programas como clínicas móveis e iniciativas comunitárias de saúde, mas os resultados ainda são insuficientes para equiparar a esperança de vida da província aos níveis nacionais (MISAU, 2023). Assim, Niassa constitui um exemplo concreto das desigualdades regionais que persistem em Moçambique e na África Subsaariana.

CONCLUSÃO

A esperança média de vida é um reflexo direto do estado de saúde, das condições socioeconómicas e da qualidade das políticas públicas de um país. A análise evidencia progressos significativos a nível global, mas também desigualdades profundas entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.

A África Subsaariana continua a enfrentar sérios desafios relacionados com doenças transmissíveis, pobreza e fraca infraestrutura sanitária, o que explica os seus baixos índices de longevidade. Em Moçambique, e em particular na província de Niassa, estes desafios são ainda mais evidentes, resultando em valores de esperança de vida inferiores à média global e continental.

Para melhorar este indicador, é fundamental reforçar o sistema de saúde primário, ampliar o acesso a serviços básicos, investir em infraestruturas sanitárias e implementar políticas públicas eficazes e direcionadas às necessidades locais. Apenas com esforços coordenados será possível alcançar maior equidade e promover o desenvolvimento humano sustentável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Banco Mundial. (2023). *World Development Indicators*. <https://www.worldbank.org>
- Bloom, D. E., & Canning, D. (2007). *Population health and economic growth*. The World Bank.
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2023). *Relatório Anual de Saúde*. Maputo, Moçambique.
- Ministério da Saúde de Moçambique (MISAU). (2023). *Plano Estratégico Nacional de Saúde*. Maputo, Moçambique.
- Omran, A. R. (2005). The epidemiologic transition: A theory of the epidemiology of population change. *The Milbank Quarterly*, 83(4), 731–757. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0009.2005.00398.x>
- Preston, S. H. (2007). The changing relation between mortality and level of economic development. *International Journal of Epidemiology*, 36(3), 484–490. <https://doi.org/10.1093/ije/dym075>
- UNAIDS. (2023). *Global AIDS Update 2023*. <https://www.unaids.org>
- UNICEF. (2023). *The State of the World's Children*. <https://www.unicef.org>
- World Health Organization. (2023). *World Health Statistics 2023*. <https://www.who.int>